



**UFPB**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
ANTROPOLOGIA COM HABILITAÇÃO EM ANTROPOLOGIA VISUAL

LUIZ CARLOS DE LIMA DO NASCIMENTO

“WE ARE HIP HOP POTIGUARA” – UMA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL DO CLAN  
POTIGUARA

RIO TINTO  
OUTUBRO/2019

LUIZ CARLOS DE LIMA DO NASCIENTO

“WE ARE HIP HOP POTIGUARA” – UMA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL DO CLAN  
POTIGUARA

Relatório de pesquisa apresentado ao  
Centro de Ciências aplicadas e  
Educação, UFPB, sob a orientação do  
professor Dr. Marco Aurélio Paz Tella,  
como requisito parcial para a obtenção  
do grau de bacharel em antropologia.

RIO TINTO  
OUTUBRO/2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

N244w Nascimento, Luiz Carlos de Lima do.

We are hip hop potiguara: uma etnografia audiovisual do  
clan potiguara / Luiz Carlos de Lima do Nascimento. -  
Rio Tinto, 2019.  
23 f.

Orientação: Marco Aurélio Paz Tella.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Break dance. 2. Sociabilidade. 3. Juventude. 4.  
Espaços públicos. 5. Etnografia audiovisual. I. Tella,  
Marco Aurélio Paz. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 316.4

Relatório de pesquisa apresentado ao Centro de Ciências Aplicadas e Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em antropologia.

Luiz Carlos de Lima do Nascimento

Relatório de pesquisa apresentado em 02 de outubro de 2019

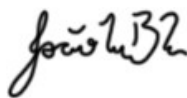
BANCA EXAMINADORA



Dr. Marco Aurélio Paz Tella (orientador)



Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (examinadora)



Dr. João Martinho de Mendonça (examinador)

Dedicado aos bboys Junior Roc (liljeen), Aleh,  
Nathan, Noro, Mopirraia, Leotrel e a birl Sís.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, ao bboy Junior Roc (ou juninho, como eu ainda insisto em chamar) que, com sua paciência, confiança e dedicação, me possibilitou mostrar um pouco do Clan Potigura. Minha amiga Sís, responsável pelo meu primeiro contato com os integrantes da crew, em fevereiro de 2016, ao me convidar para fotografar uma cypher. Dyego (bboy Nathan) e Finha (sua mãe) por me acolherem sempre que precisei. Aleff (além da amizade), por ser responsável pela existência do "we are hip hop potiguara". Também um salve aos demais integrantes que passaram pelo grupo nesse meio tempo de pesquisa: Douglas, Matheus e Leo. Gratidão.

Meu orientador, Marco Aurélio, pela amizade, por todo o conhecimento que me fora passado, pela presença em campo sempre que possível e por respeitar minhas escolhas.

Aos docentes e servidores do curso de antropologia que contribuíram, de alguma forma, nessa minha formação: Luciana Ribeiro, por fazer parte da banca e pelas discussões sobre antropologia urbana e seu posicionamento feminista e pró-LGBTQ+. João Mendonça (também por fazer parte da banca) e Oswaldo, por defenderem a importância da antropologia visual, pelas aulas, e por me estimularem a fazer filmes. Glauco, pelo apoio no Arandu. Pedro, Darlan, Fábio, Alexandra e Lara pelas aulas incríveis. Alessa e Marcelo, por sempre quebrarem meu galho com questões burocráticas do curso, além de toda simpatia. Aos demais professores e professoras: Cristiano, Estevão, Tony, Kelly e as queridas Ruth, Rosemary e Luziana que eu lamento o fato de nunca ter convivido com elas em sala de aula.

Meu amigo Ramon Pontes, por sempre dividir um lugarzinho comigo durante esses quase quatro anos de Rio Tinto. Mesmo com todas as diferenças, a amizade continuará para sempre.

As minhas amigas e amigos do Recife que sentiram minha ausência em alguns momentos que eu estava preso em Rio Tinto.

E, por fim, mas não menos importante, gratidão a essas pessoinhas que conviveram comigo nesse período do curso: Ivandiely, Dilma, Clara, Janaina, Djuliane, Thaisa, Marlon, Elita, Hiago, Aurélia, Silvinha, Rayssa, Silvana, Fabiano...

A Dona Inês e Seus Luiz, por todo amor.

## RESUMO

Este relatório de pesquisa é resultado de uma etnografia desenvolvida com a *crew* (grupo) Clan Potiguara (composta por jovens moradores do município de Rio Tinto, litoral norte do estado da Paraíba) que através da prática do break dance desenvolvem uma ferramenta de intervenção social e resistência. A partir da quarta edição do evento “We are hip-hop potiguara” (evento organizado pelo grupo), do acompanhamento dos encontros, treinos e outras situações cotidianas, se analisou como tal prática cultural, além das estratégias de apropriação e ressignificação dos espaços públicos locais, pode ser encarada como um instrumento de socialização propício a criação, reflexão e criação de uma identidade entre os integrantes, além das relações que se estabelecem entre *crews* de diferentes localidades. Por fim, é exposto o processo de criação de um filme etnográfico<sup>1</sup> que resulta de um material audiovisual coletado nos encontros com o grupo.

Palavras chave: break dance, sociabilidade, juventude, espaços públicos.

---

1 link: [https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=8E\\_EuA1dqKU](https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=8E_EuA1dqKU)

## INTRODUÇÃO

Algumas hipóteses pairam em torno da dança, das culturas juvenis e de intervenções públicas voltadas para tal grupo, mas, normalmente, sem nenhuma relação aparente entre elas. Para a antropologia, as práticas culturais dos jovens são vistas como um importante instrumento de socialização, capaz de possibilitar um ambiente de criação, reflexão e fortalecimento de vínculos, gerando uma identidade entre os participantes de um dado grupo e, com isso, transmitindo valores da cultura herdada (Bourdieu, 2006).

Insisto no uso dos termos “juventude” e “jovem” no decorrer do texto na tentativa de enquadrar meus interlocutores. Segundo a UNESCO (2004), a juventude compreende um período de transição de uma pessoa da infância para a fase adulta. Em um entendimento mais diversificado e menos rígido, Pais (2003) nos apresenta a “juventude” como processos (re)inventados cotidianamente e fruto de diferentes formas de ser e estar em sociedade. Ou seja, as “culturas juvenis” correspondem um conjunto de práticas e crenças compartilhado por determinados grupos constituídos por jovens que acabam os diferenciando dos demais.

Esta pesquisa tem como foco a observação de um grupo de bboys (praticantes de *break dance*); controversos, polêmicos e contestadores, como são entendidos pelo senso comum, mas que cada vez mais ocupam espaço e visibilidade nas cidades de todo o mundo. Esses jovens se mostram engajados e comprometidos com aquilo que acreditam e através disso demonstram cotidianamente uma percepção sobre a cidade.

Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade (MAGNANI, 2002, p.14).

Em meio a esse cenário, encontramos também espaços projetados ou apropriados para o fluxo, interação e sociabilidade de pessoas. Entre transformações e crises, um olhar atento a circulação dos jovens nos espaços urbanos se revela fundamental no que concerne a uma dimensão socializadora que pode ser característica do universo da rua. Diferentes grupos que ocupam um mesmo espaço apresentam certas especificidades históricas e de interação e/ou socialização com outras instituições e grupos (SPOSITO, 1994).

As informações aqui contidas foram coletadas através de um acompanhamento sistemático das práticas e atividades cotidianas do grupo. Durante o processo de pesquisa, registro (em imagens, sons e textos) situações cotidianas (individuais e em grupo), treinos e algumas participações em campeonatos e apresentações. Me interesse também pelas narrativas individuais, que acabam sendo expostas no meu encontro com alguns desses jovens. A opção de apresentar essas narrativas fora uma forma que encontrei de valorizar e reconhecer as experiências de vida de cada um dos integrantes.

No filme que resulta dessa pesquisa de campo, após o processo de montagem das imagens, decido inserir uma narração realizada com um dos bboys do Clan Potiguara, Junior Roc (ou Liljeen, como era chamado logo no início da minha chegada em campo). A inclusão das ideias, desejos, opiniões, valores e resistências (por exemplo) que cada um expressa, nos possibilita construir um possível entendimento sobre o universo do *break dance*.

Mantenho contato com essa única *crew* ativa do município de Rio Tinto (litoral norte da PB), desde fevereiro de 2016, quando fui convidado por uma integrante (Sís) para fotografar uma *cypher* (roda constituída por praticantes de break dance em que se revesam no centro fazendo movimentos característico dessa prática de dança de forma improvisada) que também contou com a participação de alguns b-boys da cidade de Mamanguape. Durante um ano (entre 2017 e 2018) continuei meu contato, mas como bolsista do PIBIC (Programa de Iniciação Científica), supervisionado pelo professor Dr. Marco Aurélio Paz Tella, sob tema "Práticas de Sociabilidades entre bboys de Rio Tinto – etnografando o Clan Potiguara".

Atualmente, o grupo não conta mais com uma rotina de ensaios/treinos, como no início da pesquisa, e os encontros que acontecem entre todos os integrantes acabam se dando em contextos não restritos ao universo do break (mas aniversários, festas na cidade, treinos de basquetes, entre outros).

Durante muito tempo de minha pesquisa em campo, a formação do grupo se manteve entre seis e sete integrantes (com apenas uma bgirl) que se reconheciam/reconhecem ainda enquanto grupo: "aqui só têm os verdadeiros", "alguns só vinham porque tinham umas meninas assistindo os treinos", diziam alguns dos integrantes em um dos encontros em meados de 2017. Mas com o tempo, a justificativa da ausência estaria na transição de uma liberdade, característica da juventude (?), para as responsabilidades da vida adulta: "às vezes eu sinto falta de alguém pra treinar, falar sobre

*hip hop*, um cara pra dá um rolê, mas cada um tem suas obrigações, estudo, trabalho, filhos”, dizia o bboy Junior Roc, em 2019.

O uso da referência "Potiguara" no nome surge no início do ano de 2016 (os conheci ainda como Flow Potiguara, mas o grupo já passou por outras formações e recebeu diferentes nomes: Street Fury Crew, TSFPBC - A Procura da Batida Perfeita, entre outros, por exemplo) e segundo Aleff (bboy Aleh) a referência se deu "por conta de vivermos em um território indígena, habitado pelos índios potiguaras". Em geral, os demais grupos adotam nomes em inglês, remetendo, de certa forma, a origem do hip hop, que somado com outras referências/códigos dessa manifestação urbana (roupas, adereços, cabelo, modo de falar e andar, etc) gera nos jovens um sentimento de pertencimento que os diferenciam dos demais. O mesmo acontece com a crew pesquisada ao trazer uma peculiaridade local como marca para diferencia-la dos demais bboys.

Em resumo, o movimento hip hop, oriunda das periferias de Nova York, nos Estados Unidos, surge no início da década de 1970. Segundo Zeni (2004), tal cultura se caracteriza pela junção da dança (o breaking), o graffiti (pintura feita com spray), o DJ (o disc-jóquei) e o rapper ou MC (pessoa que canta sobre a base de músicas feita pelo DJ que resulta no RAP). Nas décadas seguintes ao seu surgimento, o rap (música) e o break (dança) passaram a ser difundidos também entre os jovens de classe média e por populações localizadas longe dos grandes centros urbanos, através de um estilo que passa a seguir um "mercado de consumo cultural de massa" (Sposito, 1994, p. 167). Essa estética que surge na periferia para o centro passa, posteriormente, a ser reivindicada por jovens de diferentes localidades e classes, como é o caso dos membros do grupo pesquisado. As músicas e as roupas passam a ser apropriadas e consumidas como forma de reconhecimento e pertencimento de um grupo específico e que serve também para diferenciá-los dos demais. Os movimentos que são realizados a partir de diferentes estilos (como *locking*, *popping* e *break* - o mais conhecido de todos), ganham destaques através dos jovens em rodas/*cyphers* ou em batalhas entre grupos diferentes. E é nesses pedaços e circuitos (MAGNANI, 2002), sociáveis e ambíguos, que encontramos Aleff, Douglas, Dyego, Leo, Juninho, Matheus e Sís com suas dificuldades, força de vontade e perspectivas.

## METODOLOGIA

Primeiramente, mantenho do projeto original sua metodologia que está baseado na pesquisa de campo e no método clássico da *observação participante*. Geertz (1989),

reconhece nessa metodologia, uma relação fundamental entre o *apreender* e o *analisar* estilos de vida, comportamentos, crenças, hábitos, práticas e regularidades de um dado grupo. Para explorar esta multiplicidade de acontecimentos sociais, a etnografia é o instrumento principal de pesquisa na cidade, nesse caso, ao observar os espaços por onde circulam os jovens do grupo pesquisado, pude perceber “onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” (Magnani, 2005, p. 177). Desta forma, é preciso também analisar os contextos sociais, econômicos, políticos, culturais em que estes jovens estão inseridos.

Paralelamente ao trabalho de “estar lá”, observando as experiências sociais dos sujeitos, o de “estar aqui” fora guiado por uma pesquisa bibliográfica e documental a respeito da cidade de Rio Tinto. Além de um levantamento bibliográfico a respeito de categorias que percorrem a pesquisa: comunidade, sociedade, cidade e campo, sociabilidade, juventude, etnicidade, identidade e alteridade. O trabalho de campo aconteceu paralelamente ao levantamento bibliográfico de pesquisas realizadas sobre culturas juvenis e antropologia urbana. Assim, se reconheceu os caminhos percorridos por etnografias anteriores e possibilitou a elaboração de novos percursos a serem trilhados.

A partir do material audiovisual produzido e das anotações no diário de campo, por meio do levantamento e mapeamento dos sujeitos e suas práticas sociais e culturais, foram feitas interpretações teóricas sobre o trabalho de campo, permitindo, assim, realizar diálogos entre a prática e a teoria e posteriormente apresentar uma abordagem teórica que auxilie na compreensão das dinâmicas de sociabilidade. Dito isto, faço uma ressalva da íntima relação da teoria e trabalho de campo, pois é por meio dessa última que “a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva a campo e ii) a observação” dos atores sociais que estuda (Peirano, 1992, p. 8).

Por fim, para o filme, fora utilizado como metodologia a abordagem situacional, aonde é possível destacar e observar uma dada situação vivenciada na cidade durante seu processo. No caso específico dessa pesquisa, destaco a batalha de break organizada pelos integrantes do Clan Potigura, intitulado “We are hip hop potigura”. Tal metodologia “consiste em isolar intelectualmente um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos a fim de facilitar uma análise coerente” (AGIEL, 2011, p. 74).

## BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE RIO TINTO

A município de Rio Tinto está localizada no litoral norte do estado da Paraíba, nas proximidades da região denominada de Vale do Mamanguape, e sua população, segundo o último levantamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é estimada em aproximadamente 25.000 habitantes, em uma área de 466 km<sup>2</sup>. Sua inauguração se deu em 6 de dezembro de 1956, mas sua construção data do ano de 1917 com a implantação de uma fábrica de tecido, em território potiguara. Esses, segundo Cardoso e Guimarães,

fazem parte dos povos da família linguística Tupi. Hoje, falam o português e estão revitalizando o tupi na educação escolar indígena. E como todos os povos que vivem no Nordeste, possuem uma longa história de contato com a sociedade não indígena. Com uma população de aproximadamente 19 mil indígenas entre habitantes das aldeias e das cidades de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, os Potiguara se concentram numa área do litoral norte paraibano situada entre os rios Camaratuba e Mamanguape (2012, pág. 15).

Por descender de grupos sociais controlados historicamente por diferentes regimes políticos, desde o regime colonial, a organização do povo potiguara (bem como seus sistemas classificatórios e simbólicos) sofreu grandes interferências. Mas, ainda segundo Cardoso e Guimarães,

Os Potiguara, provavelmente, são os únicos dentre os povos indígenas situados no Brasil a viver no mesmo lugar desde a chegada dos colonizadores há 500 anos. A bibliografia e os documentos sobre a história do atual Estado da Paraíba evidenciam, desde as notícias mais remotas após o descobrimento do Brasil, a presença dos Potiguara no litoral paraibano (...) As terras dos Potiguara, em sua história mais recente, foram ocupadas por grandes proprietários, dentre eles a poderosa família Lundgren, donos da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRTR), conhecida no Brasil inteiro por meio da cadeia de lojas Casas Pernambucanas, acelerando o processo de invasão do território indígena e de destruição dos ambientes (2012, pág. 15-16).

Somente na década de 1980 é que o processo de demarcação das terras potiguaras ganhou corpo. Nessa época também a CTRTR finda suas atividades na região. Mesmo assim, a influência e o poder da família Lundgren ainda é presente na cidade. Durante minha permanência enquanto estudante e pesquisador, presenciei e/ou soube de reuniões e protestos dos moradores das residências ao redor da antiga fábrica (parentes ou ex-funcionários que se instalaram na cidade por conta do trabalho) por ainda pagarem uma taxa mensal (uma espécie de aluguel) e por não possuírem a posse de suas casas.

As transformações mais recentes aconteceram, principalmente, após a implantação do campus IV, da UFPB, possível graças aos recursos do Reuni (Programa de apoio a

planos de reestruturação e extensão das Universidades Federais) e ao programa institucional Expandir. O novo centro (dividido com a cidade de Mamanguape), inaugurado em 2006, ocupa parte das instalações físicas da antiga CTRT.

A pretensão, com o surgimento da universidade, era de interiorizar às atividades que antes eram concentradas, basicamente, na capital e, com isso, atender a uma demanda local. Mas como alguns cursos não existiam no campus sede da UFPB, desde o surgimento, estudantes de cidades mais distantes passaram a estudar e morar em Rio Tinto. Com a adoção do SiSU (Sistema de seleção unificada), aumentou, cada vez mais, a vinda de pessoas oriundas de outros estados do país.

A presença dos universitários impactou diretamente no aumento dos valores dos alugueis no centro de Rio Tinto. Os comerciantes locais também aproveitaram a oportunidade e criaram a quinta universitária, em que, nesse dia da semana, os jovens se socializam na Praça João Pessoa (principal da cidade); uma atividade que independe da iniciativa do poder público. Paralelo a isso, em algumas casas de estudantes, se sediavam alguns eventos que ficaram conhecidas entre os universitários e demais jovens: casa mágica, empório (pousada em que alguns quartos são alugados a estudantes), cabanada, cazula, beco... só para citar alguns que cheguei a frequentar. Essas iniciativas é uma forma de compensar uma quase inexistência de lugares de lazer na cidade.

Com essas breves informações sobre a cidade de Rio Tinto, busco passar uma ideia do contexto em que se encontram os jovens da crew Clan Potigura, sem contar a falta de apoio da prefeitura local e dificuldades quanto a locais de treinos e apresentações/competições do grupo.

## CLAN POTIGUARA - ORIGEM E NOME

Segundo Dyego (bboy Natha, um dos integrantes mais velho do grupo – 30 anos), por volta do ano de 2004, após uma apresentação da escola, foi convidado por um rapaz de Mamanguape (município vizinho à Rio Tinto) para se juntar a outros boys e treinar alguns passos de breaking. Desses encontros surge o que ele diz ser a primeira formação de crew da região, chamado de "Grupo BBoys", composto por cinco integrantes (Maciel, Leo, Renato, Josemar e Dyego - nomes citado por ele), que em seguida passou a se chamar "Reality Boys Crew" (e contou com a participação de mais integrantes, como: X1, Rafael e até garotas como Jamile e Jaine - que são irmãs). Nessa época, algum dos boys tinha um DVD do campeonato da Red Bull, de 2005, e que passou a ser "uma febre aonde todo

mundo queria assistir e aprender aqueles passos". Ele lembra que os treinos aconteciam aos domingos, num ponto de ônibus de Mamanguape (que seria a "rodoviária" da cidade).

Assim como a maioria dos jovens da região, Dyego disse que desde criança participava de quadrilhas juninas e fazia algumas apresentações de dança e teatro na escola. Paralelo ao grupo "Reality Boys Grew" também fazia participação em um grupo de swingueira (estilo de dança da Bahia, bastante escutado na época, difundida através de bandas como Harmonia do Samba, Terra Samba, Braga Boys, entre outros) que treinavam no Centro Cultural de Mamanguape. Neste mesmo lugar ensaiava também um grupo chamado de "Panteras Negras e Lobos Selvagens" (grupo que misturava "balé, breaking e expressões corporais") que ele passou a fazer pequenas participações.

Sua passagem por grupos do Município de Mamanguape se deu até um desentendimento após participar de uma competição em João Pessoa ("O Paraibano") em que ele se apresentou com os dois grupos. Os "Panteras Negras e Lobos Selvagens" saíram do evento com a segunda colocação geral, enquanto o "Reality Boys Crews" ficaram com o terceiro lugar. Após isso, os integrantes de seu primeiro grupo disseram que Dyego dançou melhor no outro grupo, tendo melhor colocação. Com esse desentendimento ele passou a dançar apenas em sua cidade, Rio Tinto, que não tinha nenhum grupo, embora tivessem pessoas interessadas na dança. Passou a ajudar pequeno grupos nas escolas "para participarem de apresentações nas gincanas e semanas culturais".

Ainda segundo Dyego, surge um pequeno grupo que passam a se encontrar independente dos eventos e que ouviam e criavam coreografias para músicas pop dos EUA (que "tocavam em rádios FM") com "um pouco de teatro nas apresentações"; essa formação se chamava "Street Of Power". Mas foi apenas com o "Street Furry Crew (que seria a formalização de um único grupo) que foi introduzido o breaking na cidade, passando a contar com a participação de alguns bboys que ainda estão na ativa com o Clan Potiguara (segundo alguns integrantes, o nome surge por volta de 2012). Paralelo a essa formação, os integrantes que se interessavam mais no *break dance* (que além dos integrantes do Clan Potiguara, Douglas, Leo, Aleff, Sís, Dyego Matheus e Juninho, contava com Daniel, Bruno, Wallison, Rafael, Anderson, entre outros) criaram a "The Search Perfect Beat Crew" (ou TSPBC - À Procura da Batida Perfeita) que, inspirada nos boys de Mamanguape, buscou fortalecer e difundir o breaking em Rio Tinto.

Os integrantes que moram na Vila Regina (pequeno bairro que fica em uma parte alta da cidade de Rio Tinto) usavam "a casa" como local de treino. "A casa" pertencia a uma família tradicional da região, que era dona de um time de futebol em que Leo (um dos

bboys) jogava. Com a amizade e após a casa ficar vazia (após o falecimento dos donos da casa e todos os filhos se mudarem para outros estados do país) ele ficou responsável pela manutenção e mediação em caso de interesse de alguém em alugar o imóvel. Enquanto isso, os integrantes do grupo poderiam utilizar o espaço para treinar.

Quanto ao nome: todos me dão como resposta o fato do grupo se encontrar em terras indígenas potiguara, mesmo que a maioria dos bboys e bgirl da crew não tenha origem indígena (apenas Leo) e terem nascidos em lugares diferentes (Aleff e Sís são de São Paulo; Douglas nasceu em Toritama, interior de Pernambuco; e Juninho ser de João Pessoa). Juninho (bboy Junior Roc) me disse também que “os boys” postavam nas redes sociais e faziam comentários que eles tinham “um *flow* potiguara” (flow – fluxo ou, melhor dizendo, estilo ou unidade). Ele diz ainda que, junto com Leleka (esse último já não dança mais) teve a intenção de organizar uma crew aonde tivesse como base para os treinos a Vila Regina, mesmo incorporando alguns boys dos grupos anteriores de Rio Tinto. Foi aí, no início de 2016 (quando também se deu a minha entrada no campo), que surge o Clan Potiguara.

## A DINÂMICA DA CREW

A prática mais comum entre os integrantes do Clan Potiguara é o treino. Além do principal momento de encontro e interação entre eles, é nesse instante que se busca aperfeiçoar as técnicas e harmonizar alguns movimentos específicos do break dance. Os encontros aconteciam na “casa”, mas durante alguns momentos os treinos mudavam de lugar por algumas questões como corte da energia elétrica, devido ao não pagamento das contas pelos antigos inquilinos, ou nas épocas em que a casa estava alugada. Nesses intervalos, os treinos aconteciam no ginásio da Vila Regina (que fica de frente “à casa” e onde fora sediada a segunda edição do “We are hip hop potiguara” - campeonato organizado pelo Clan Potiguara).

Devido à dificuldade de acesso do centro de Rio Tinto para a Vila Regina (a subida é bastante íngreme e, normalmente, se faz de carro ou moto - é importante pontuar que, diferente da maioria das pequenas cidades do interior do Nordeste, Rio Tinto não tem serviço de moto táxi) os treinos, nessa época, contavam apenas com a participação de Aleff e Juninho (Leo trabalhava em João Pessoa e volta para casa apenas nas sextas a noite; e Sís, Douglas, Dyego e Matheus moram distantes da vila). Os treinos aconteciam apenas nos dias de folga de Juninho e de Aleff (que trabalham em usinas de cana de açúcar, à

noite, num regime de 12 por 36hrs: "um dia sim e um dia não"), sempre das 17hrs até às 19hrs, devido a jogos de futebol que aconteciam no período da noite, ou após às 22h30. Embora, paralelo a isso, a universidade passou a ser um ponto de encontro entre os bboys e usado também como lugar para treinar. Sís, durante um tempo, morou na residência universitária, que fica dentro do campus, e isso facilitava a ida dos bboys para lá.

Em junho de 2017, “a casa”, depois de um período que ficou alugada, voltou a ser o lugar oficial de treinos da crew. Nesse espaço presenciei, além dos treinos, algumas comemorações de aniversários dos integrantes e workshop com uma bgirl de Uberlândia - MG e alguns bboys de João Pessoa – PB. Esses encontros tinham como intenção a circulação de conhecimentos e a vinda dessas pessoas eram sempre custeadas por contribuições de dinheiro (“vaquinhas”) dos integrantes da *crew* e de alguns bboys de Mamanguape que também participavam desses encontros.

Durante os treinos percebia uma sequência que praticamente se repete: a música ao fundo, alongamento e aquecimento, repetições de passos que evoluem de movimentos mais simples e lentos para acrobacias e frizeer/paradas para, finalmente, num círculo (ou *cypher*, como eles gostam de denominar) com um espaço livre no centro, praticarem as movimentações com uma maior precisão e dentro do “*bit*” (na batida e ritmo da música) e com uma maior leveza. Esse momento é acompanhado e alternado entre os bboys e bgirls presentes. As técnicas são repassadas/aprendidas da observação do outro ou nos vídeos vistos na internet, embora entre os praticantes do break dance o estilo individual e a originalidade são priorizadas. Após os treinos, os integrantes conversam sobre coisas de interesse do grupo, mas também de assuntos totalmente aleatórios e/ou do cotidiano.

Aleff (bboy Aleh) e Juninho são responsáveis por levar o nome da *crew* em eventos fora da cidade. Ambos marcam presenças em competições em Natal e Pipa – RN ou em cidades do interior da Paraíba, aonde eles encontram maior possibilidade de reconhecimento e divulgação dos eventos sediados em Rio Tinto. As competições em João Pessoa são evitadas, segundo a dupla, “são sempre levadas por boy de lá mesmo”. Essas viagens, às vezes, contam com a presença de Dyego, Matheus ou Leo ou mesmo a namorada de Aleff (Michelle) e Careca (amigo dos integrantes, comerciante e artesão local que apoia o grupo nos eventos na cidade e produz os troféus) que, muitas vezes, dividem o valor do frete de um carro. Douglas e Dyego faziam, na época, uma segunda dupla do Clan; na segunda edição do "We are hip hop potiguara" (2017), sediado na Vila Regina, por exemplo, eles formaram a única dupla que representaram o Clan Potiguara (Juninho foi um dos jurados e Aleff foi o apresentador do campeonato).

No início de 2018 “a casa” foi vendida para o município e hoje funciona como uma delegacia. Nessa época também, a quadra pública (assim como outras duas da cidade) fora fechada pela atual prefeitura para reforma (sendo reaberta há poucos meses). Com isso, “a oca” (um coreto situado dentro da UFPB) passou a ser o local oficial de treino do Clan Potiguara.

## **SOCIALIZAÇÃO E PERTENCIMENTO ATRAVÉS DP BREAK**

Busquei usar como método, além da observação direta, a coleta de relatos dos boys por meio de entrevistas. Um dos primeiros a me ceder uma "entrevista" foi Juninho (31 de maio de 2017). Instantes antes de um treino que aconteceu no ginásio da Vila Regina, que, além dele, contou com a participação de Aleff, Leo e um *boy* conhecido como Gersinho (que mora em Búzios - RJ, mas que estava de férias na cidade). Por conta de uma partida de futebol que acontecia no local, os bboys esperaram um pouco, até que um deles, em meio ao jogo, liga o som e começa a se alongar. O som alto era uma tentativa de fazer pressão para que os jogadores liberassem a quadra, local atual de treino (além de eventuais encontros na universidade e na quadra do "bairro" senzala – esse último lugar, usado para partidas de basquete). O local passou a ser considerado o principal ponto de treino, após o aluguel da casa que foi cedido para treinos, chegando a sediar o evento esse ano.

Os jogadores, logo em seguida, decidem sair do espaço e deixam a quadra livre para o grupo fazer seu treinamento. Em meio ao som, ao treino e alguns movimentos de curiosos que ficaram prestigiando os b-boys das arquibancadas, começo minha conversa com Juninho (como eu prefiro chama-lo). Falamos, inicialmente, sobre o surgimento do interesse dele pelo break dance, a estigmatização da sociedade e a família quanto a prática da dança, perspectiva de futuro, a falta de um lugar para treinar, entre outros pontos.

Hoje... ao menos minha mãe, tá ligado, ela aceita de boa, pô, ela acha até interessante hoje, tá ligado, que ela vê que não mudou nada meu caráter. Sou pai, tenho trabalho, tudinho. Nunca me mudou, tá ligado. Só que, de início, por... por medo dela, da galera falar muito, ela me prendia muito que tinha medo de eu me envolver com essa galera e achava que ia me levar pras drogas, praticar assaltos, essas viagens, tá ligado. (Juninho CP).

Após concluir o depoimento e eu desligar o gravador, enquanto os outros boys faziam alguns movimentos, Juninho observa aquilo e diz: "o break é uma das formas mais complexas que já vi". Pensei que ele se referia as movimentações dos passos realizadas

pelos b-boys (que para quem tá de fora parecem difíceis - e é), mas continua: "...onde se pode fazer amigos ou até mesmo encontrar uma segunda família (...) dou muito valor a esses caras." Para além da aparência, Juninho, com suas tatuagens no corpo, demonstra uma serenidade ao se tratar dos seus colegas de grupo. Muitas vezes percebo uma certa individualização dele durante os treinos (e de muitos praticantes de break em geral), quando procura uma parte específica do espaço de treino para fazerem/criar seus próprios passos.

É um tanto comum essas manifestações no universo do hip hop que presa pela originalidade. Durante o campo, principalmente nas competições/batalhas em outras cidades, sempre ouvia comentários como: "fulano 'biteou' sicrano", ou melhor: copiou o "movimento" de outro bboy (bite vem do verbo inglês to bite, que significa morder). Falo tudo isso porque percebo que Juninho independente dessa "competição" sempre foi visto como exemplo, usado por todos os membros do grupo, no que diz respeito a dedicação e estímulo para continuar. Todo mundo diz: "ah, Juninho trabalha o dia inteiro e chega a noite e ainda vai treinar".

Se tratando de família: Juninho, mesmo com a pouca idade (23 anos), já é pai de duas crianças e é casado. Além dele, Dyego é pai de duas meninas. Sís se tornou mãe recentemente. Na cidade é comum encontrarmos pessoas que se tornam pais ainda na adolescência ou juventude.

Sua história se aproxima, de certa forma, aos dos demais colegas de grupo e, por extensão, aos demais jovens envolvidos em alguma crew (grupo que pratica o break). Falo isso porque nesse contexto, que normalmente começa sem o aporte familiar (muitos pais, se mostram preocupados com os possíveis riscos da permanência dos filhos na rua), com uma forte estigmatização social, além de ser um espaço constitutivo de distinção (seja por questões pejorativas, ao compararem suas práticas como marginal, ou mesmo para diferencia-los, a partir do estilo de se vestirem e se comportarem cotidianamente), que percebo entre os praticantes a busca por suportes que proporcionem oportunidade (de treinos, participações individuais ou em grupo em campeonatos e na organização de eventos) e reconhecimento perante toda a sociedade.

No processo de socialização esses sujeitos vão construindo significados que passam a ser compartilhados e transformam suas realidades/relações a partir de negociações do que passa a ser gerado por cada um. Para Barth (2000), os contrastes culturais e o sentimento de pertencimento dizem respeito a como esses indivíduos se diferenciam dos demais grupos, criando fronteiras. A criação da identidade surge num espaço "diacrítico" que

corresponde a demarcação das diferenças na comparação com quem tá fora. Ao se sentirem parte de um coletivo, aumentam a autoestima e encorajam os demais bboys e bgirls a contornarem os problemas de seu dia-a-dia.

## UMA BREVE NOTA SOBRE O USO DA CÂMERA NO CAMPO E A REALIZAÇÃO DE UM FILME ETNOGRÁFICO

Naquele primeiro contato com a *crew* (em fevereiro de 2016) eu não tinha um caderno de campo e nem imaginava que faria um trabalho de conclusão de curso sobre um grupo de break dance. Era o meu primeiro semestre letivo na graduação de antropologia e não acreditava que suportaria quatro anos em Rio Tinto (tempo que levaria para concluir o curso). Ainda sobre esse primeiro contato: a câmera garantiu meu acesso ao grupo, possibilitou um segundo contato com os integrantes (no dia seguinte, alguns deles me adicionaram nas redes sociais, em busca das imagens que eu havia feito) e possibilitou a criação de uma parceria entre a gente (o grupo tinha o material audiovisual que precisava e eu conduzia a minha pesquisa).

"O ato de fotografar implica empatia e certamente intersubjetividade. É muito difícil fotografar em um ambiente a que não pertencemos sem que se estabeleça uma relação de confiança, intimidade e empatia" (CAIUBY, 2014). Essa aproximação e relação que se deu a partir da imagem, levanta uma discussão no que concerne aos trabalhos acadêmicos que resultam em textos verbais. Penso no retorno imediato aos grupos pesquisados daquilo que é coletado em campo, além de um alcance maior, principalmente da comunidade não acadêmica, dos resultados. Com isso, decidi fazer um filme etnográfico com o material audiovisual coletado da minha aproximação com o Clan Potiguara.

Depois de todo esse tempo de pesquisa, me vi em volta de inúmeros conteúdos filmados, mas nada que garantiria uma estrutura narrativa aparente que resultasse em um filme. Cheguei a escrever alguns pequenos roteiros para a montagem, mas algumas imagens que poderiam ser aproveitadas não estavam com boa qualidade e/ou com alguns ruídos no som. Sondei a possibilidade de (re)encenação, que esbarraria numa ficção (que considero okay, mesmo se tratando de um conteúdo antropológico/etnográfico), mas que dependeria da disponibilidade e vontade dos integrantes da *crew* em serem "dirigidos". Cheguei a propor essa ideia ao grupo, porém, visualizando as imagens que eu já tinha dos primeiros campeonatos de break dance sediado pelo Clan Potiguara, pensei em filmar toda

a 4ª edição do "We Are Hip Hop Potiguara", dessa vez, com o uso de microfone e gravador (que possibilitaria uma melhor qualidade ao filme).

Assim como descrevi a respeito dos treinos, as competições de *break dance* também apresentam uma sequência que praticamente se repete: a música ao fundo (durante todo o tempo do evento), a chegada dos integrantes das diferentes *crews*, os bboys cumprimentam os demais que já estão por ali (alguns nem se conhecem), cada grupo escolhe um lugar para deixar as bolsas e demais pertences, se alongam e começam a fazer alguns movimentos/passos mais simples, posteriormente, se juntam aos demais bboys e algumas bgirls na *cypher* (nesse edição algumas garotas levantaram uma discussão a respeito da opressão que sofrem nesse ambiente predominantemente masculino), inscrição e sorteios das batalhas, reunião e/ou apresentação dos jurados (nesse momentos, normalmente, são expostos alguns critérios levados em considerações por essas pessoas como critérios de escolha dos vencedores e possíveis penalidade), as batalhas/competições (entre diferentes bboys/bgirls, duplas ou crews), divulgação dos vencedores e premiação.

Normalmente o "We Are Hip Hop Potiguara" acontecia no primeiro semestre (em abril ou maio), mas, por conta de falta de dinheiro (por não contar com o apoio da prefeitura, de boa parte dos comerciantes locais e, segundos alguns integrantes, do período de chuva que esse ano fora maior no litoral e que atrapalhou as apresentações deles na praia da Baía da Traição - local aonde eles dizem ter maior apoio dos moradores e frequentadores que contribuem, com dinheiro, enquanto eles dançam), o evento só foi sediado no início de agosto de 2019. Enquanto eu esperava o grupo sediar esse evento, presenciei algumas modificações no grupo: Douglas retornou para a cidade da sua família, em Toritama, interior do estado de Pernambuco, de forma definitiva (em Rio Tinto, até concluir o ensino médio, ele morava com uma tia); Sís engravidou e parou de acompanhar com frequência a crew; Dyego conseguiu um emprego numa loja de roupas no cidade vizinha e, a noite, ingressou na faculdade de educação física; Aleff passou alguns meses na casa da namorada, em Cabedelo, região metropolitana de João Pessoa, na Paraíba; Matheus também passou um tempo na casa da namorada, em Juazeiro do Norte, no Ceará; e Leo, por questão também de trabalho, já fazia mais tempo que não treinava (ele se reaproximou dos integrantes da crew em poucos dias, em setembro).

Tive a garantia de Aleff de que o evento aconteceria e isso me deixou mais tranquilo quanto a conclusão do meu trabalho de conclusão de curso. Enquanto isso, me aproximei mais de Juninho (bboy Junior Roc) e passei a acompanhar os treinos que, na maioria das vezes, só contava com ele. Paralelo ao *break dance*, ao trabalho e aos dois

filhos, Juninho passou a escrever algumas letras que viraram músicas de rap. E se juntou a outros jovens da região a partir de um evento chamada de “Batalha da Preguiça”, que vem acontecendo eventualmente no que passou a ser chamado de “Quinta Alternativa”, mais especificamente em Tonho’s Bar (o proprietário desse bar, além dos interessados pelo *rap*, em algumas semanas, cede o espaço para jovens gays da universidade e em outros para o pessoal fazer festa de “passinhos do maloka”, um estilo de música popular entre os jovens – em um bar vizinho, no mesmo dia acontece a “Quinta Universitária”, já citado).

No filme, além do foco na competição de break (resgato imagens de edições passadas e algumas que fiz da cidade de Rio Tinto), foco em Juninho e seu cotidiano para falar do Clan Potiguara. Das conversas que tivemos, extraí alguns trechos da fala dele que serviram de narração. Ele assistiu ao vídeo e pedi para ele sugerir as falas que seriam aproveitadas em cada momento da narrativa, mas não quis se pronunciar em um dos instantes finais, quando fora anunciado as vencedoras das batalhas 2 vs 2, em que duas garotas ganharam. Nesse momento do filme, decido acrescentar cartelas com explicações sobre o contexto. No mesmo dia do evento, os integrantes decidiram acrescentar uma batalha de rima ou de rap, sediada na Vila Regina.

Segundo Aleff, a diferença de lugares das duas competições (*break* e *rap*) estava na intenção de compartilhar parte do evento com a população que mora nessa parte da cidade e que também, por ordem da direção da universidade, o evento não poderia se estender pela noite. Juninho já disse que a intenção de Aleff com a mudança de locais era atrair pessoas para o bar de um apoiador do evento, Careca (ele que produz os troféus e também hospeda alguns bboys que moram em cidades distantes). Polêmicas à parte, o “We Are Hip Hop Potiguara” acabou (já depois das 11 horas da noite), como sempre, atraindo o sentimento de pertencimento dos seus integrantes (normalmente alguns voltam a treinar após o evento) e com promessas e expectativas de uma nova edição no ano seguinte.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou manter um cuidado ao entender que os fenômenos sociais são revelados a partir dos significados que os indivíduos dão às suas ações. A intenção era compreender como os bboys (e bgirl) estabelecem relações entre si e os espaços, bem como as dificuldades de acesso e a negação pelos órgãos dominantes destacando as experiências desses jovens, para isso é necessário passar pelas opiniões individuais, buscando os valores que orientam seus comportamentos perante à cidade.

O *break dance* afeta seus praticantes a ponto de mudar suas rotinas e favorece encontros que promovem identificação que passa a ser construída com base nas experiências sociais entre si e outros grupos (como percebidos nas batalhas e *chypfers*), como baseadas nos argumentos dos teóricos aqui expostos. Porém o universo do hip-hop é frequentemente estigmatizado pela sociedade que ignora as contribuições positivas de tal prática cultural. Com isso, torna-se importante que se destaque seu caráter socializador, ao criar trocas entre os jovens que permite, de certa forma denunciar as desigualdades e reivindicações sociais, como a falta de reconhecimento e, conseqüentemente, negação de espaços de lazer.

O hip hop por seu caráter contestador e lugar de (re)afirmamento de minorias (pobres, negros, principalmente) promove, com a ocupação dos espaços públicos pelos bboys numa praça ou com a presença de um grafite/pixo em uma parede, uma intervenção que parte de uma tomada de consciência dos jovens como agentes transformadores e atuantes na cidade. Com isso, constroem identidade e fortalece uma cultura que não é considerada hegemônica. A importância da realização de um campeonato local hip hop promove e fortalece valores comuns de um grupo e demais jovens de diferentes localidades com interesse comum, gerando trocas de conhecimentos, levantando discussões quanto à inclusão cultural, cidadania, além de expor para toda a população outras formas/possibilidades de criatividade/arte, além de democratizar e dar sentido aos espaços públicos.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BARTH, Fredrick. **Os Grupos étnicos e suas Fronteiras**. In: O Guru, O Iniciador e Outras Variações Antropológicas. - Rio de Janeiro. Contracampo, 2000. (págs. 26-68).

BOURDIEU, Pierre. **O camponês e seu corpo**. Rev. Sociol. Polit. [online], n. 26. pp.83-92. 2006.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. (Orgs). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM,2012. (Série Experiências Indígenas, n.2)

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. - Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana**. - São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 17, n. 49. - São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **O circuito dos jovens urbanos**. - São Paulo. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, 2005.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PEIRANO, Mariza G. S. **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**. - Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1992.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Sociedade Juvenil e a Rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. - São Paulo: Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, v. 5, n. 1-2. - São Paulo, 1994.

UNESCO. Políticas de/para/com juventudes. Brasília: Unesco, 2004. (PDF).

ZENI, Bruno. **O Negro do Rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. - São Paulo: Estudos Avançados, v. 18, n. 50, 2004.